

O PESCADOR não pode ser um criminoso

VIMOS, num colega portuense, uma local que nos surpreendeu e nos deixou alarmados. Refere-se nela que na praia de Quarteira se têm descarregado dezenas de barcos com sardinha miudinha, que apenas serve para guano ou para isco, e acrescenta que os execrandsos tapa-esteiros da ria de Faro-Olhão continuam a desempenhar-se ciosamente do negregado encargo de aniquilar as espécies ícticas que povoam aqueles braços de mar. Se isto é assim, como parece ser, há que lançar mão de providências férreas para pôr cobro não a um abuso, mas a um crime. Destruir a criação é, de facto, um crime, porque se destrói a fonte de rendimento do próprio pescador, anulando-se ao mesmo tempo a utilidade alimentar do peixe, já que este, pelas suas escassas dimensões, não oferece o mínimo interesse ao consumidor. Mais ou menos, descontando as proporções, opera-se nesta pesca criminosa a mesma função que desempenharia um selvagem que entrasse numa seara, aí por alturas de Abril, e a começasse a ceifar. Não obteria, o vândalo, pão para ele nem lhe ficariam nas mãos as sementes indispensáveis para frutificar nova messe. Apenas palha e fome!

Ora nós não queremos palha nem fome. Não estamos dispostos a pactuar, fazendo vista grossa, com os criminosos que exibem imerecidamente uma cédula de pescadores, a coberto da qual se permitem aniquilar a riqueza — será de facto e nesta altura riqueza? — piscatória do nosso Algarve. Não acreditamos que tal gente se possa apresentar idoneamente como pescadores. Averiguado que tais indivíduos não têm, por escassez de sensibilidade e de conhecimentos, noção do dano que praticam, há que, da parte das autoridades marítimas, providenciar no sentido de lhes tolher os movimentos prejudiciais — prejudiciais pa-

NÃO HÁ QUEM ACUDA às necessidades do Alferce?

HÁ terras que a fatalidade condenou ao ostracismo e ao abandono. Uma delas é o Alferce, freguesia muito antiga do concelho de Monchique e com a qual parece ninguém se preocupar, o que sendo cómodo não é humano nem justo. De lá, dessa bonita aldeia serrana, expediram-nos uma carta, que é um apelo e um lamento. Nela se diz, por exemplo, que a casa da escola, uma miserável dependência, construída em 1881 e adquirida por subscrição pública, não oferece nem comodidade nem segurança. O soalho, podre, está a desabar e a escola não dispõe das mínimas condições higiénicas. Dá-se até o caso vergonhoso de a professora e alunos terem de ir para o campo satisfazer as suas necessidades corporais. Sobre este assunto expediu a Junta de Freguesia, em Agosto, um ofício ao sr. subsecretário da Educação, a reclamar providências, mas até agora estas não chegaram.

Mas não é só de um edifício escolar que a humilde aldeia precisa. Carece das ruas arranjadas, da melhoria do adro da igreja, de saneamento, de pessoal que remova os detritos das ruas e de um lavadouro em que se aproveitem os desperdícios da água em benefício dos que precisam lavar os seus trapos. Também precisa que seja transferido o cemitério para outro local. A todas estas imperiosas necessidades contrapõe a Câmara Municipal de Monchique o argumento, infelizmente verdadeiro, da falta de recursos dos cofres municipais. Mas como não é justo que continue em tão triste abandono aquela gente, que tem tanto direito à vida como a das terras privilegiadas, apelamos para o sr. governador civil, no sentido de, junto dos altos poderes públicos, interceder para que aqueles algarvios sejam proporcionadas elementares condições de vida.

ra eles, que ceifam a seara extemporaneamente, e prejudiciais para a comunidade, que fica privada do rendimento íctico, com a perspectiva desoladora do empobrecimento do nosso mar — e o mar do Algarve equivale à manutenção de milhares de bocas, à riqueza de algumas das suas terras mais populosas e à prosperidade económica da própria nação.

Desde sempre temos escutado protestos contra os tais tapa-esteiros. Parece, pelo que nos têm dito, que se trata de uma arte fervorosamente daninha. Sendo assim, não há que hesitar — suprima-se tal arte que deve ter sido in-

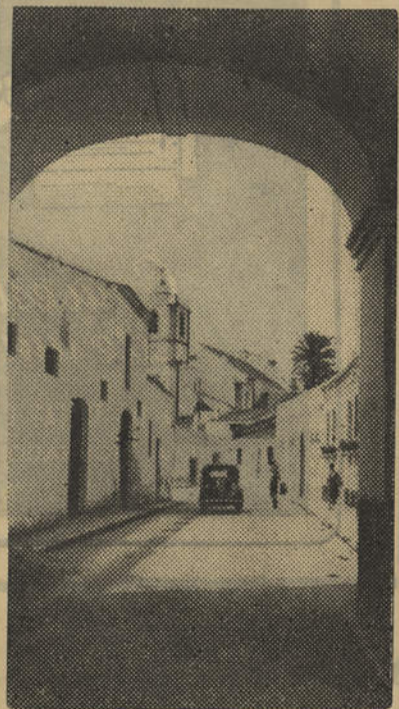
Conclui na 5.ª página

Ministro das Obras Públicas

Tem experimentado sensíveis melhoras o sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas, que na terça-feira foi operado no Hospital de S. José. Fazemos votos pelo pronto restabelecimento do ilustre membro do Governo e competentíssimo técnico.

O MUNICÍPIO DE LAGOA NÃO PODE, devido à sua situação económica, encarar a realização de novas obras

LAGOA — No próximo ano, e atendendo à situação económica do Município, procurará este especialmente liquidar os compromissos existentes, onde avultam os resultantes da execução do abastecimento de água à vila. Deste modo, é intenção do Município terminar com as obras decorrentes, iniciando-se unicamente os empreendimentos que possam provocar com-



Uma característica rua de Lagoa, vila famosa pelos seus vinhos

penções económicas, e isto dentro dos apertados limites que as circunstâncias aconselham.

Estando praticamente terminadas as obras que constituem a fase do abastecimento de água à vila de Lagoa, pôr-se-á em funcionamento a rede, cobrando-se o custo dos ramos domiciliários e dando-se cumprimento às normas regulamentares.



O levantar do copo de uma armação de atum, espectáculo de movimento e cor, que se pode admirar na nossa provincia, nos meses de Primavera e Verão

O ATUM NÃO FALHOU ESTE ANO NA COSTA DO ALGARVE

— afirmou-nos um antigo mandador da armação do Cabo de Santa Maria

PROBLEMA da pesca do atum é fundamental para a economia do Sotavento. É uma afirmação que embora pudesse ser feita com toda a propriedade pelo senhor de

La Palice, não nos fica mal reforçar, pois há que insistir nesta verdade. E somos daqueles que ainda não se deram por vencidos quanto a processos novos ou melhoria dos actuais para a captura do valioso peixe. Estamos até em crer que seria vantajoso deixar no mar, até fins de Novembro; uma armação, para ver que proveitos se obteriam quanto ao próprio atum e quanto a outros peixes, como a albacora, que deve andar a passear pela nossa costa como andam os bonitos que têm sido capturados, nas últimas semanas, com relativa abundância pelas nossas traineiras. Mas isto são

Reabrem depois de amanhã O LICEU E A ESCOLA TÉCNICA DE FARO

Encerrados, desde segunda-feira, por motivo da gripe, reabrem depois de amanhã o liceu e a escola industrial e comercial da capital da provincia. Mais de cinquenta por cento de alunos liceais foram acometidos pela incomodativa «asiática».



José Simão da Silva não falou na costa do Algarve. Segundo a companhia do Cabo de Santa Maria, foi um ano de muito «asiática».

Conclui na 4.ª página

PARCHAL NÃO QUER PERTENCER À FREGUESIA DE FERRAGUDO

RECEBEMOS a carta que a seguir reproduzimos e com a qual damos por liquidado o assunto que motivou a mesma:

Causou verdadeira surpresa aos parchalenses a notícia de Ferragudo, publicada no *Jornal do Algarve*, de 5 do corrente, em que se pede a anexação do Parchal à freguesia de Ferragudo.

Não concordamos. Compete aos habitantes do Parchal decidir dos seus destinos e nunca, por sua livre vontade, farão parte da freguesia de Ferragudo. A seu lado não teria Ferragudo 10% dos habitantes desta aldeia, que está inteiramente ao lado da sede da freguesia à qual sempre pertenceu e em cujo cemitério foram sepultados os seus entes queridos falecidos e em cuja igreja todos foram baptizados. Foi seu fundador um humilde e honrado estombarense, que felizmente ainda vive.

Que se organize a tal comissão de baírristas, mas não para cobiar o que é dos outros, e sim para tratar da higiene das suas ruas, que bem precisam e do arranjo do seu cemitério.

Ignora o articulista a história da sua terra e, ainda mais, a história do Parchal. Nunca esta terra pertenceu a Ferragudo, mas Ferragudo é que fez parte por alguns séculos da freguesia de Estômbar, da qual foi desanexada em 13 de Junho de 1762.

Quiseram, de facto, alguns velhos políticos, dos tempos pouco saudosos da demagogia política, arrebatar esta simpática aldeia para Ferragudo, mas devem lembrar-se os

Conclui na 6.ª página

Visado pela delegação de Censura

UMA SUGESTÃO PARA O CENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE

por J. SOUSA MENDES

ESTE apontamento devia ter sido escrito há três anos, depois de uns breves dias de férias passados em Hamburgo com o Eduardo Lourenço. Estávamos em Agosto, mas a chuva, caindo ininterrupta, cortara-nos os planos de vagabundos forçando-nos a passar de café em café, e prolongar indefinidamente uma conversa que nos iludia o desejo insatisfeito de calcularmos ruas, parques e os caminhos da beira do porto. Nem o som deliquescente de valsas românticas, com que quase todos os botequins da cidade enleiam os bebedores de cerveja, nos podia desviar de um debate em que desfiámos um a um os pequenos e grandes problemas da nossa cultura, — tão graves e interessados como se de uma conversa assim avulsa pudesse milagrosamente nascer a solução para algum deles...

Pois, se não me engano, a propósito da *Maritime Weltgeschichte*, de Egmont Zechlin, — livro de sólida informação, embora com aquele denso aparato erudito que, algumas vezes injustamente, é considerado por muita gente como o condimento indigesto da cultura Alemã... — que, numa dessas tardes sombrias, a palestra caiu sobre a história da expansão marítima portuguesa e sobre a maneira como ela por ve-

zes é maltratada em trabalhos onde se estudam os séculos XV e XVI. Esclareça-se que Zechlin foi o ponto de partida, mas não certamente o pretexto para tão melancólicas reflexões: relendo agora o último capítulo do seu livro, onde é abordado o tema que nos interessava, reencontro uma segurança que cautiona os conhecimentos do autor, — e prova que a erudição germânica nem sempre é um adorno tão inútil como alguns supõem.

Não me ocorre o nome do autor que exactamente desencadeou as



Conclui na 6.ª página

CEDÊNCIA DE TERRENOS à Câmara Municipal

De Vila Real de Santo António, destinados à expansão da Zona Industrial e à valorização urbanística de Monte Gordo

A Direcção-Geral da Fazenda Pública foi autorizada a ceder, a título definitivo, à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António duas parcelas de terreno das matas nacionais, situadas no referido concelho, com as áreas de 26.550 m² e 194.600 m², mediante o pagamento ao Estado, como compensação, das importâncias de 14.602\$50 e 48.650\$, respectivamente.

Da primeira parcela, 2.550 m² destinam-se ao prolongamento da estrada que liga Vila Real de Santo António à praia de Santo António e os restantes à expansão da zona industrial do lado Sul da vila. A segunda será aplicada à expansão urbanística da povoação de Monte Gordo, designadamente à construção de moradias, arruamentos, mercados, parques de jogos e de campismo.

A saúde é a maior riqueza

COMPLEXO DE INFERIORIDADE

Os pais nunca devem lançar em rosto aos filhos defeitos físicos que estes tenham. Nem mesmo convém lembrar-lhes essa condição desagradável. Quando o fazem, concorrem para que a criança passe a considerar-se inferior às demais e perca a confiança em si, tornando-se, assim, presa do que se chama um «complexo de inferioridade».

Se seu filho apresenta algum defeito físico, procure incutir-lhe, com habilidade, a convicção de que isso em nada lhe diminui a capacidade.



por CASIMIRO DE BRITO

«Um diabo à solta»

A COISA começou nos jornais. As agências noticiosas começaram a distribuir pelas redacções...

Em várias regiões provocou mesmo dificuldades de ordem extrema: liceus e escolas interromperam a sua actividade...

Convém notar que nesta cidade, espalhados pelo Liceu, Escola Comercial e Industrial, Colégios e Escolas Primárias...

Ora, muitos destes estudantes estão doentes. Não será caso para se aplicar a toda esta estudiantada...

Resumindo e baralhando: a história da gripe não é petá; muita gente está no vale dos lençóis...

Resumindo e baralhando: a história da gripe não é petá; muita gente está no vale dos lençóis por catodos seus efeitos...

Resumindo e baralhando: a história da gripe não é petá; muita gente está no vale dos lençóis por catodos seus efeitos...

NOTÍCIAS PESSOAIS

Assis Esperança

No disfrute de umas curtas férias, esteve em S. Brás de Alportel o escritor Assis Esperança...

Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve em Vila Real de Santo António, acompanhado de seus filhos...

Regressou de Tânger, tendo fixado residência nesta vila, o nosso assinante sr. Josué Rodrigues Rosa...

Seguiu para a Aldeia das Amoreiras, onde foi colocada como professora de ensino primário...

Também seguiu para Ourique, como professora oficial, a sr.ª D. Maria Clarisse Medeiros Salvador...

Encontra-se nesta vila, passando as suas férias, o sr. Joaquim Martins Rocharte...

Esteve em Vila Real de Santo António o sr. Virgílio Cavaco Madeira...

Também esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. João Gonçalves Conceição...

Foi transferido da agência do Banco Nacional Ultramarino de Portimão, para a filial de Faro...

Esteve em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, o sr. eng. Luis Santos Nunes...

Vimos em Vila Real de Santo António o nosso assinante em Lisboa, sr. Jorge Manuel Freire Celorico Medeiros...

Vindos do Brasil, onde residem, encontram-se no nosso País, em gozo de férias, o sr. Silvino Neto e sua esposa...

Regressou à sua casa de Faro, depois de ter passado o Verão em Monte Gordo, o nosso assinante sr. dr. Júlio Sancho...

De regresso da sua viagem pelo Ultramar, encontra-se nesta vila o nosso assinante sr. José Saraiva Rosa...

Seguiu para Matosinhos o nosso assinante sr. João Gregório...

Encontra-se em Lisboa, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Orlinda dos Santos, o sr. Amândio dos Santos...

Acompanhada de sua mãe, seguiu para Lisboa, aonde vai continuar os seus estudos no I. S. T., a sr.ª D. Maria João Merilha Domingues...

Durante alguns dias, esteve em Vila Real de Santo António a nossa conterrânea sr.ª D. Júlia Valadas...

Depois de ter passado as suas férias nesta vila, retirou para Lisboa o sr. Manuel José Caraca Cipriano...

A fim de continuar os seus estudos no I. S. T., seguiu para Lisboa o sr. José Manuel Rosa Gravanita...

Retirou para Lisboa, com sua família, o sr. Manuel Pessanha Barbosa...

Depois de ter passado uma temporada em casa de seu genro, sr. dr. Bernardino Ramos...

Encontra-se em Vila Real de Santo António, gozando umas curtas férias, o sr. Manuel Hermínio Viagas Pinheiro...

Depois de ter passado o verão em Monte Gordo, retirou para a sua casa de Lisboa o nosso assinante sr. Joaquim Valagão Barreiro...

Acompanhado de sua esposa e filhas, encontra-se em Lisboa o nosso assinante sr. Manuel Cumbreira Correa...

Com curta demora, esteve nesta vila o sr. Manuel António Caldeira...

Encontra-se em Vila Real de Santo António o João Francisco Duarte...

Seguiu para Matosinhos o sr. Jorge Pereira Nogueira...

Vimos em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa e filhas, o sr. Rafael Gomes Neto...

Encontra-se nesta vila a sr.ª D. Maria Domingues Beles...

Seguiram para Matosinhos os

ECONOMIA

O problema do vinho em Itália

No mês passado, em diversos pontos de Itália, registou-se agitação, em consequência do problema criado pelo mercado de vinho...

O despacho sobre o figo industrial

Sem o mínimo comentário, porque seria supérfluo, transcrevemos, com a devida vénia...

O despacho ministerial, de cujo conhecimento passou, desde há anos, a depender em parte a orientação da lavoura e do comércio nas suas transacções do figo industrial...

Continuando omisso quanto à determinação do local de entrega do produto e à obrigatoriedade de aquisição, bem como quanto à contribuição do figo algarvio para a indústria do álcool...

Quer isto dizer que a expectativa em que a lavoura se tem mantido desde que lhe foram prometidas providências acabou numa tremenda desilusão e ainda por cima por um despacho que, não se sabe por que força oculta, esteve ciosamente guardado...

Sabemos que a Federação dos Grêmios de Lavoura está a trabalhar no sentido de obter de Sua Ex.ª o senhor ministro da Economia as providências urgentes que o problema impõe...

Novo processo de fabricação de atum

O emprego de calda vegetal nalgumas conservas de atum constitui um dos mais interessantes e recentes progressos na indústria americana desta espécie de conservas...

O dr. Geiger assegura que esta calda, rica em proteína, tem um alto valor biológico e é adoptada especialmente nas dietas para diminuir o peso e para empregar na terapêutica da dieta...

A adição da calda nas fabricações de atum em azeite parece melhorar o sabor, a cor e a textura do produto, melhorando também as fabricações para dieta...

nossos assinantes srs. José Ferreira e José Correia Apolónia.

Casamento

No passado dia 10, realizou-se na igreja paroquial de Vila Real de Santo António o casamento da sr.ª D. Maria do Anjo Ferrnacho Ricardo, filha da sr.ª D. Georgina Ferrnacho Ricardo...

Doentes

Encontra-se doente, sofrendo dum ataque de gripe o nosso amigo sr. João Gomes...

Tem experimentado boas melhoras, depois da grave doença que o tem retido no leito, o nosso assinante sr. cap. Joaquim Guilherme Travassos...

Tem experimentado ligeiras melhoras, continuando ainda hospitalizados, os nossos assinantes srs. Alfredo do Carmo Moraes e Júlio Baptista Mateus.

Conservas de «sardinha» japonesas

As estatísticas japonesas aparecem com grande atraso. Por isso, só agora se sabe que a produção de conservas de «sardinha» nesse país em 1955, atingiu o volume de 899.122 caixas...

A produção de conservas de «sardinha» para exportação, durante doze meses que terminaram em 30 de Novembro de 1956, foi de 537.000 caixas de 48 latas de 15 onças...

Produção brasileira de conservas

Vejamos os números que atingiu em 1955 a produção conservedeira do Brasil, onde, como «instrutores», apareceram o ano passado os pescadores japoneses...

Eugene G. Grace, presidente da Corporação do Aço Americana, tem o vencimento anual de 23.461 contos, mas recebe «apenas» 4.640 contos...

Durante o primeiro semestre deste ano, venderam-se na loja de Sesimbra 26.451 contos de peixe, mais 9.403 contos que em igual período do ano passado...

VAI REALIZAR-SE

em Vila Real de Santo António uma Exposição Bibliográfica e de Filatelia Escutista

O Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal, efectua, de 1 a 8 de Dezembro, nas salas da delegação do Clube Náutico de Portugal, uma exposição bibliográfica e de filatelia escutista...



Table with 2 columns: Item, Price. Includes Traineira, Vila Real de Santo António, Armção de Pera, Portimão.

Animatógrafo

Abriam as aulas!

Volta à liça o Zé da Balsa, mas fica em situação falsa pretendendo arvorar-se em professor do que não está percebendo patavina, sem favor!

Invocando a estilística, chama «erupção linguística» ao mudarmos a tónica de gratuito e com bonito rimarmos...

Se estilística conhece, nem supomos que esquece que a mudança pode ser efectuada; note bem: aquela usança não foi por nós inventada!

Leu Cambes, confrade Zé? Se não leu, sabe quem é, com certeza! Pois, ele e outros famosos fteram igual «proeza» em «versinhos» numerosos...

Até o grande Bocage cometeu o mesmo «ultraje», não sabia?... Em seus versos derradeiros, lhe exorta a «gente ímpia», o Bocage, um dos primeiros!

Francamente, Zé da Rua, que curta «visão» a sua! Alcnhar de «liberdade caquética» e de «descoberta albar» e que é normal em poética...

Em vez de nos dar «lições», ponha as suas atenções num livrinho chamado «Pontas de Fogo», que é seu, e não do vizinho; ali é que há muito «jogo»...

Pique, rimando com gripe, (cuidado, não se constipe!) acha bem? «Hão de haver» e «exitantes»... Que estilística isto tem? É «apatismo», que interessantes!!!

O que lá vai de obra asnática, de «facadas» na gramática... Quer saber? Deixe-se de vãos insultos e saça por aprender; frequente um curso de adultos!

OPERANTE

Table with 2 columns: Item, Price. Includes Traineiras, Vila Real de Santo António, Armção de Pera, Portimão.

Table with 2 columns: Item, Price. Includes Traineiras, Vila Real de Santo António, Armção de Pera, Portimão.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 11 a 17 de Outubro ENTRADOS: Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Suíço «Arbedo», de 996 ton., de Ceuta, com esparto; Português «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, com adubos.

SAÍDOS: «Zé Manel», com minério, para Lisboa; «Mira Terra», com minério, para Lisboa; «Manelica», para Lisboa; «Arbedo», com conservas, para Génova; «Mira Terra», com minério, para Lisboa.

Foi abalroada a traineira «INFANTE»

quando pescava na costa Norte Anteontem à noite, durante a faina da pesca ao largo de Esmoriz, a traineira «Infante», da firma Raul Folque & Filhos, Lda., de Vila Real de Santo António, foi abalroada pela traineira «Infante de Sages», de Matosinhos, sofrendo grandes danos. O barco algarvio foi rebocado para Leixões, não havendo vítimas a lamentar.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda, telefone 64.

Advertisement for EXCELSIOR ink. Includes image of a child painting and text: 'Com esta tinta Até um bebé pinta! FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR" J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.'

Advertisement for CANFIELD oil. Includes text: 'Confiam nos óleos da CANFIELD 70 anos de experiência são a melhor garantia da excelência dos seus produtos. DISTRIBUIDORES: SOCIEDADE COMERCIAL REMUS, L.D.A. Rua do Comércio, 8 - LISBOA.'

Três notícias frescas

1.º) Chegaram as primeiras chuvas e, com elas, o pó que até há dias nos enrodilhava transformou-se numa massa pastosa, sujíssima, a que os técnicos chamam lama...

2.º) Em fins de Setembro, ou princípios de Outubro, escreveu-se neste mesmo local que a Alameda João de Deus deixou de ser a Feira Popular. No entanto, já deixou de o ser há precisamente 50 dias...

3.º) E é já hoje, domingo, 20, que começa a Feira de Faro, a já conhecida e tradicional Feira de Santa Iria. Mas isto já é assunto para outra crónica, pois não é?

Post-Scriptum

Já depois de escrita esta crónica sobre a «gripe asiática», chegou-nos a notícia de que, em virtude do grande número de alunos doentes e do perigo de contágio entre os restantes, os estabelecimentos de ensino desta cidade resolveram oficializar umas «férias asiáticas», de 8 dias, medida esta bastante oportuna...

Poemas da Solidão imperfeita

Dentro de alguns dias, será publicado o livro de poesias «Poemas da Solidão Imperfeita», da autoria do nosso prezado colaborador Casimiro de Brito.

«Poemas da Solidão Imperfeita» (O Livro Negro), será distribuído pelo seu autor, pelo que os interessados poderão fazer os seus pedidos para a rua Bocage, 140 - FARO.

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

Café - Restaurante
JANELAS VERDES
de LUÍS FÉLIX DA SILVA



Cerveja de barris
Mariscos - Vinhos Verdes
Serve almoços e jantares regionais
PREÇOS MÓDICOS
RUA DE AVEIRO, 37-39
Telef. 206 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ACTUALIDADES *** DESPORTIVAS

- VELA - O GINÁSIO NAVAL DE FARO inaugura no dia 26 A SUA SEDE-POSTO NÁUTICO

Com a presença do deputado pelo Algarve, sr. comandante Henrique Tenreiro, a quem se deve em grande parte tal empreendimento, inaugura-se, no próximo dia 26 do corrente, o magnífico e majestoso edifício Sede-Posto Náutico do Ginásio Clube Naval.

gínastica, balneários e instalações sanitárias, salas de leitura e reunião, gabinetes para as reuniões da direcção, bar para os sócios e vários terraços e esplanadas.

Este belo e útil edifício, cujo custo andou à volta de 400 mil escudos, fica sendo o melhor do País, no seu género, pois, embora em Lisboa e Cascais os haja mais luxuosos, não há ainda nenhum tão completo e com ginásio próprio.

Faro, o 5.º Centro Náutico de Portugal, que já tinha o Posto Náutico Comandante Tenreiro (propriedade da Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro) e o Posto Náutico do Centro de Vela da M. P. de Faro — também instalados em edifícios próprios e expressamente construídos para esse fim — fica com a inauguração do novo Ginásio Náutico-Sede do Clube Naval de Faro, com um útil conjunto de instalações próprias para a prática dos desportos náuticos, absolutamente suficiente para as suas necessidades presentes.

E curioso notar que Faro, reunindo os barcos do Ginásio Clube Naval, Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro (e seus respectivos sócios) e do Centro de Vela da M. P., tem as seguintes embarcações de regata: 8 moths, 7 snipes, 7 sharpies de 9 m2, 5 voutgas, 5 lusitos e 1 sharpie de 12 m2, ou seja, um total de 55 puros «racers» para a prática da vela.

Conclui na 4.ª página

BASQUETEBOL TORNEIO DE ABERTURA

Por ter ficado impraticável, como resultado das últimas chuvadas, o campo de basquetebol do Ginásio C. Olhanense, onde se estavam a realizar os jogos a contar para o Torneio de abertura, este tem estado paralizado.

Conclui na 4.ª página

Pesca desportiva

Concurso de Faro

O Clube de Amadores de Pesca de Faro levou a efeito um concurso de pesca desportiva para os seus associados, o qual foi disputado no meio de enorme interesse e expectativa dos concorrentes e adeptos da modalidade.

Depois de bem ponderadas e analisadas, as classificações ficaram assim ordenadas:

Por equipas — 1.º (Taça «Governador Civil de Faro»), Emídio Pinto Santos e Fernando Assunção Santos, 2452 pontos; 2.º (Taça «Junta de Província do Algarve»), eng. Armando Augusto Lopes e Júlio C. E. Correia, 2120 pontos; 3.º (Taça «Baterias Arga»), José E. dos Santos Pardal e D. Fernanda de Sousa Leal Pardal, 2009 pontos.

Individual — 1.º José E. Santos Pardal, 1655 p.; Taça «Helder Cunha»; 2.º José Elói Cachola, 1249 p.; Taça «Spril»; 3.º Emídio P. Santos, 1241 p.; 4.º Fernando A. Santos, 991 p.; 5.º Júlio C. Eusébio Correia, 1149 p.; 6.º Luís C. Mendonça Freitas, 1021 p.; 7.º Eng. Armando Augusto Lopes, 971 p.; 8.º Carlos L. Madeira Gomes, 958 p.; 9.º Manuel Adanjo Inácio, 927 p. e 10.º Joaquim J. Brito Oliveira, 891 p.

Prémios Especiais — Eng. Armando Augusto Lopes, Taça «Câmara Municipal de Faro» e «António Silva Guerreiro», respectivamente, pelo «Maior Exemplar» e «Mais Exemplares» pescados; Luís C. Mendonça Freitas, «Maior Sargo» e Rogério Peres Costa, «Maior Robalo».

— BARDAHL —

SELECÇÃO DA SEMANA

| | |
|-------------------------------|--|
| Daniel | (Isaurindo) |
| Reina | Ventura Bento |
| Vieirinha | Di Paola |
| Costa | Mendaña Romão Realito Queimado |
| ALGARVE - LISBOA (em números) | |
| ALGARVE | 1.º 2.º 3.º 14 0 4 40-19 golos 28 pontos |
| Lisboa | 5.º 7.º 12.º 7 2 9 34-31 golos 16 pontos |

FUTEBOL

O Farense «matou» a tradição...

O Olhanense fez "hara-kiri", morrendo às suas próprias mãos...

ESTÁDIO PADINHA

Olhanense, 2 — Coruchense, 3

Parra, 2 — só Parra...

Apenas Parra, que uva nenhuma... dum ataque habilidoso que jogou 90 minutos sem concretizar, em jeito de pádua imagem para o seu domínio fulgurante.

2-2 foi o mais nivelado que o grupo de Olhão adregou, e quando tudo parecia encarreirado pelo «do mal o menos», mudando rumos a esse futebol de raciocínios certos e conclusões erradas, a equipa debruçou-se totalmente sobre o ataque, e «caiu» pela terceira vez em desvantagem. Era tarde para recuperar. Depois, 6 minutos apenas, e a sentença ficara lida... Os pontos estavam jogados e perdidos nesse mesmo Estádio Padinha, desmentido o aforismo «Em Olhão...»

Vitória justíssima dum grupo que tinha sabido lutar e vencer. O Olhanense continuou em diagonais abstractas, dispendendo o resto das energias que o futebol-energia impusera ao futebol-jeito, sem conteúdo acertar. Um compêndio em 90x75 (ao natural), aberto de par em par, numa lição viva e eloquente de como uma equipa de reais valores se pode «afundar» num tapete de lama, quando apenas revela corpo sem cabeça...

Nomes? Costa e Reina — só estes, como os mais atilados da equipa.

EM LISBOA

Arroios, 1 — Farense, 2

Excelente triunfo dos «Leões de Faro», a cortar cerce o «nó górdio» dum tradição fatídica aos grupos algarvios, vai para vários anos.

O grupo não perdeu a serenidade, e soube estrangular na defesa todas as tentativas dos «tricolores», vindo a construir os dois tentos que avizaram os dois pontos de ouro da vitória, e lhe deram as divisas de «comandante» da zona.

Depois deste triunfo, a equipa fez subir a sua flâmula ao mastro de honra, revalidando a sua posição destacada da temporada finda, e marcha agora de olhos postos no título — mais uma vez.

Dois golos de Tarro, que foi o marcador absoluto da sua equipa, fazendo valer os seus remates vito-

Conclui na 4.ª página

JUNIORES

Campeonato Distrital

A direcção da Associação de Futebol de Faro resolveu dar início ao Campeonato Distrital de Juniores no dia 17 de Novembro próximo. O sorteio para o calendário respectivo será feito no dia 4 de Novembro, pelas 21 horas, na sede da Associação.

JOGADORES-RESERVAS eternos desconhecidos...

A NOSSA agenda de factos a focar marca-nos para esta semana um assunto de vital importância para o futebol algarvio: Jogadores-reservas, eternos desconhecidos...

Numa época em que o profissionalismo já é uma realidade no futebol nacional — embora não esteja reconhecido oficialmente — os clubes da província, de fracos recursos financeiros, vêm adensarem-se num vult negro no futuro próximo. Os jogadores, de meia tijela para cima, já não representam qualquer clube por uma pele de batata, fazem-se pagar a dinheiro, somas elevadas que na balança orçamental de um clube pesam como ouro. Mas tudo isto é prosa... Quando é preciso, os clubes arranjam dinheiro e contratam atletas para reforço dos seus quadros.

Que interessa que no fim da temporada essas cifras, pagas a profissionais 100% se elevem à casa das

tação dos clubes algarvios: poupam por um lado para esbanjarem pelo outro. Enfim, cada qual sabe as linhas com que se cose. E nesta or-

Conclui na 4.ª página

A ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE FARO

propõe-se organizar um campeonato distrital de «Reservas»?

Depois de já termos preparado o nosso artigo de hoje «Os Jogadores-reservas, eternos desconhecidos...», recebemos o comunicado oficial n.º 5, da A. F. F., que passamos a transcrever parcialmente:

... Assim, pensa esta Direcção organizar um campeonato distrital de «Reservas» ou, simplesmente, jogos entre os clubes filiados, sem obrigação de «calendário» prévio, integrando-os, sempre que possível, nas organizações da categoria superior, jogos que seriam, em princípio, subsidiados parcialmente por esta Associação...

Louvamos a iniciativa da A. F. F., mas discordamos com «ou, simplesmente, jogos entre os clubes filiados, sem obrigação de «calendário» prévio». Desta maneira, cai pela base a característica oficial da prova, pois os clubes filiados têm assim o ensejo de irem protelando, por incompatibilidade de datas, os seus jogos, e o campeonato — se é que se pode chamar assim a uma prova sem calendário prévio — não se chega a realizar, o que dá origem ao eclipse do fim em vista — fomentar e desenvolver o futebol regional e não privar de competição os jovens praticantes da modalidade.

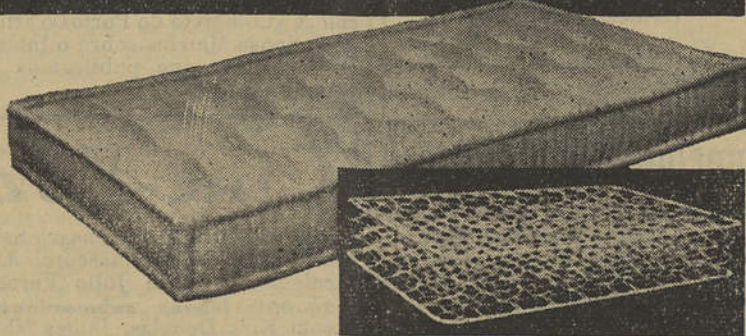
É preciso não parar. Estudem-se bem o assunto, com a melhor colaboração dos clubes, pois os novos... são os atletas de amanhã e faça-se um CAMPEONATO DISTRITAL DE RESERVAS, com calendário prévio.

centenas? Não importa; hoje em dia é chic ter nos seus quadros o jogador A mais o B; o que é preciso é salvar as aparências, todos temem ser dos fracos. E têm razão, porque dos fracos não reza a história.

Tudo isto é muito bonito e está tudo muito bem, mas perguntamos: um clube que gasta centenas de contos, ao fim de cada época, com a sua equipa de honra, não pode dispor de cinco a dez contos para valorização dos seus «reservas»? Parece que não, pois a resposta está à vista. Os campeonatos de reservas que se faziam há anos, no nosso Algarve, deixaram de fazer-se. Esta é a verdade, não restam dúvidas. Por que razão se deixaram de organizar? Não interessam?

Diz o ex-presidente da A. F. F. que a culpa é dos clubes, segundo ouvimos na última assembleia geral, para aprovação das contas da sua gerência. A Associação tem um fundo especial para esses campeonatos, mas os clubes não o querem aproveitar. Não percebemos esta orien-

A FABRICA PORTUGAL



tem a honra de apresentar o melhor e o mais económico colchão de molas do mundo

EPEDA

com o seu famoso molejo de um único fio de aço indeformável e indestrutível.

INDIFERENTES AO TEMPO E AO USO

SEM NOS NEM PONTAS DE ARAME • SEM DESGASTE INTERIOR • EXTRAORDINÁRIA RESISTÊNCIA A PRESSÃO • CONFORTO IDEAL • SEMPRE FOFO E ELÁSTICO • SILENCIOSO • HIGIÊNICO • AMOLDA-SE SUAVEMENTE A QUALQUER POSIÇÃO DO CORPO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

EM LISBOA:
FABRICA PORTUGAL
RUA FERD. MONIZ • RUA DA GRAÇA
PRACA DOS RESTAURADORES
NO PORTO:
JOÃO TOMAZ CARDOSO & FILHO, Sucrs. LDA.
RUA SÁ DA BANDEIRA, 92

CAMPANHA PARA OS 1.000 SÓCIOS do Lusitano Futebol Clube

A direcção do Lusitano F. C. lançou agora a campanha para os 1.000 sócios, procurando desta maneira aumentar a sua fraca receita mensal.

Todos sabem que os «encarnados pombalinos» têm aspirações, mas sem dinheiro nada podem fazer. A III Divisão é árdua e dispendiosa e o clube actualmente não tem quotização para tal. Todos devem colaborar para que os 1.000 sócios do Lusitano sejam, muito em breve, uma realidade palpável.

Faça-se sócio, se o não é. Se já é, associe um amigo ou conhecido. Auxiliando o Lusitano, engrandece a sua terra.

Taça "Lusitano Futebol Clube"

Festival futebolístico a favor das obras do campo «Francisco Gomes Socorro»

A primeira impressão é a que perdura. Portanto, é a impressão de pobreza que ficará gravada na memória de todos os desportistas que nos visitam, ao cruzarem o portão do campo «Francisco Gomes Socorro» e apreciarem o seu aspecto. Ele carece de uma nova vedação, caído, portas (senão novas, pelo menos arranjadas), etc., enfim, encontra-se num estado de verdadeiro caos, e não é com os parques proventos do clube que se lhe pode, de um momento para o outro, dar um bonito aspecto.

Para a obra do seu ressurgimento criou-se a comissão «Pró-Campo», e esta não se tem poupado a esforços para a angariação de fundos que lhe permitam deitar mãos à obra que urge começar. Para este fim, é levado amanhã a efeito o festival futebolístico para clubes populares, denominado Torneio Relâmpago de 1957, estando em disputa a taça «Lusitano Futebol Clube».

Convém realçar que os clubes populares, com espírito altruista, colaboram só pelo ardor da competição, gesto que os dignifica.

Do Torneio, que tem início às 14 horas, consta o seguinte programa: Apresentação e desfile das equipas participantes.

Encontros: GUADIANA-BEIRA-MAR (Árbitro: André Roque) e CELEIRO-LEÕES DO SUL (Árbitro: S. Pescada).

Os vencedores dos jogos acima disputarão a final, que será arbitrada pelo competente técnico do Lusitano, Eduardo Augusto, antigo árbitro de cartel vincado.

Entrega da taça ao vencedor. Todos os vilarrealenses devem colaborar neste festival. É tão pouco o que se lhes pede... somente a sua presença no campo «F. G. Socorro». Passe uma tarde agradável ajudando uma obra que é de todos. Não hesite, vá amanhã ao futebol!

DESSPORTOS

FUTEBOL

Conclusão da 3.ª página

riosos pelos pontos com que a equipa regressou a Faro.

ESTADIO PORTIMONENSE

Portimonense, 3 — Montemor, 0

O Portimonense fez no domingo a sua mais folgada marca deste campeonato, a comprovar afinidade na «engrenagem» do ataque.

Também a defesa, à imagem da jornada ao Estoril, não consentiu golos, confirmando uma solidez que, aliás, já haviamos adjectivado na sua hora e meia de Faro.

Di Paola, Coelho, Romão, Alexandrino, Mendaña e Luz tiveram excelentes prestações.

FARENSE-ESTORIL

Partida aparentemente fácil, que na prática não há grupos fáceis. Nela, os dois extremos da tabela quase se tocam.

O jogo, em si, deve proporcionar aos atacantes farenenses motivos de brilho e à defesa 90 minutos calmos, com evidência para o futebol construtivo, da «escola» de Vieira.

Partida aparentemente fácil, que na prática não há grupos fáceis. Nela, os dois extremos da tabela quase se tocam.

MONTIJO-OLHANENSE

Jogo entre «gente graúda», com rólulo de n.º 1 da ronda sétima. Partida repleta de atractivos, de que «Luís Fidalgo» será ponto convergente, até porque o terceiro pos-

JOGADORES-RESERVAS eternos desconhecidos...

Conclusão da 3.ª página

dem de ideias, jogador que não nasce com habilidade nata para o futebol e que na categoria dos juniores não sobrevive tudo e todos, guindando-se automaticamente à primeira categoria, passa à reserva, entrando com credencial no quadro dos eternos desconhecidos.

Assim é, porque todo o atleta que não tenha contacto oficial em jogos de competição não pode valorizar-se a contento. E das duas uma, ou abandona a prática do futebol, ou por golpes de azar dos colegas, classificados à sua frente — os suplentes à primeira categoria — apresenta-se no quadro de honra.

Recebemos o n.º 8 do Boletim do Circulo Português de Ténis de Mesa, que se apresenta recheado de boa colaboração em prol do desenvolvimento da modalidade.

Recebemos o n.º 8 do Boletim do Circulo Português de Ténis de Mesa, que se apresenta recheado de boa colaboração em prol do desenvolvimento da modalidade.

Recebemos o n.º 8 do Boletim do Circulo Português de Ténis de Mesa, que se apresenta recheado de boa colaboração em prol do desenvolvimento da modalidade.

to da classificação se apresenta a despeito.

O Montijo deverá fazer valer os direitos de «hospedeiro», jogando tudo por tudo até ao triunfo, por uma melhoria de posição na tabela.

Por seu turno, Olhão, há-de procurar discutir o prélio, desmentindo o «tropeço» de Coruche, que tanto decepcionara a sua «torcida».

Dentro destas características, os 90 minutos de futebol vão ser árduos, cheios de emoção, que pode muito bem fazer perigar a arte de jogar dos olhanenses, com risco sério da sua terceira derrota.

JUV NTUDE-PORTIMONENSE

O «sub-leader» sobe até à Cidade Branca, onde defrontará os juventudistas.

Qualquer das equipas reúne predicados de garra e juventude caldeados com saber, que a veterania, trave-mestra de ambos os conjuntos não desmente.

A equipa do Barlavento deverá impôr-se, de modo a «sobreviver» ex-aequo com o Farense, e a confirmar o aforismo «não há duas sem três... saídas vitoriosas»...

Todavia jogo é jogo, e daí o nosso prognóstico — talvez um empate, venha a ser o desfecho da luta — talvez...

ANTÓNIO A. SANTOS

VELA

Conclusão da 3.ª página

Se se juntarem aos barcos existentes em Faro os de Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Portimão e Lagos verifica-se que o Algarve, só com a prata da casa, como sói dizer-se, já pode organizar grandes empreendimentos velísticos.

— Para o lugar de servente do quadro do pessoal menor do Liceu de Portimão, foi contratado o sr. António Mascarenhas Calado.

— O sr. Afonso Malaquias Domingues, adjunto do delegado do director do Distrito Escolar de Faro no concelho de Loulé, foi exonerado do referido cargo.

— Para o lugar de servente do quadro do pessoal menor do Liceu de Portimão, foi contratado o sr. António Mascarenhas Calado.

— O sr. Afonso Malaquias Domingues, adjunto do delegado do director do Distrito Escolar de Faro no concelho de Loulé, foi exonerado do referido cargo.

F. V.

Publicações

Recebemos o n.º 8 do Boletim do Circulo Português de Ténis de Mesa, que se apresenta recheado de boa colaboração em prol do desenvolvimento da modalidade.

Recebemos o n.º 8 do Boletim do Circulo Português de Ténis de Mesa, que se apresenta recheado de boa colaboração em prol do desenvolvimento da modalidade.

O Ensino no Algarve

Escola Técnica de Loulé

Verificamos, com muito prazer, que se esfumaram os receios da falta de frequência à nova escola de Loulé.

Foi aprovado o contrato para a execução da empreitada de construção de um edificio escolar de duas salas, no sítio da Fonte Santa, freguesia de Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António.

— Foram autorizadas a prestar serviço no distrito escolar de Faro, durante o corrente ano lectivo, as regentes do quadro de agregados do distrito escolar de Beja, sr.ªs D. Alice da Silva Monteiro, D. Cândida da Piedade Mendinhos, D. Carolina Frederica Alho, D. Dulce Maria da Silva, D. Julieta da Ascensão David, D. Maria Cristina Albina Martins, D. Maria Júlia da Palma Teixeira, D. Noémia José da Silva Palma e D. Alice do Carmo Fialho Gorjão.

— Semelhante autorização foi dada às regentes do quadro de agregados do distrito escolar de Faro, sr.ªs D. Elsa Maria Matos Limas Rocheta, D. Maria Cecilia Pontes Santos, D. Benvenida da Conceição Maia Melo e D. Laertes de Sousa Martins, para prestarem serviço em idênticos quadros dos distritos escolares de Beja, as duas primeiras, e de Setúbal, as restantes.

— Foram exoneradas, a seu pedido, as regentes dos postos escolares de Espiche (Luz-Lagos) e de Corcitos (Querença-Loulé) respectivamente, sr.ªs D. Maria Delgado Correia e D. Maria da Conceição Guerreiro.

— Foi autorizada a professora do quadro de agregados do distrito escolar de Faro, sr.ª D. Maria Francisca Simões Duarte Nunes, a contrair matrimónio com o sr. José Henriques Caçorino Antunes.

— Foi rescindido o contrato do aspirante da Escola Industrial e Comercial de Silves, sr. Augusto Maria Coelho.

— Para o lugar de servente do quadro do pessoal menor do Liceu de Portimão, foi contratado o sr. António Mascarenhas Calado.

— O sr. Afonso Malaquias Domingues, adjunto do delegado do director do Distrito Escolar de Faro no concelho de Loulé, foi exonerado do referido cargo.

F. V.

VENDE-SE Piano Alemão Marca RÖNISCH (armação em ferro) Informa-se nesta Redacção.

Funcionalismo público Foi nomeado para o lugar de chefe da secção de processos do tribunal da comarca de Vila Real de Santo António o escrivão de 2.ª classe do 6.º juízo civil de Lisboa, sr. Regino Augusto Lança.

DENTRO DUM PEQUENO ESPAÇO ENCONTRARÁ CONCENTRADOS TODOS OS ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS A UM CONTROLE RÁPIDO E SEGURO DAS SUAS CONTAS SIDEX GABINETE DE CONTABILIDADE AV. GEN. ROÇADAS, 74 C.F. T.843965-LISBOA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE COM TÉCNICOS ESPECIALIZADOS SEM COMPROMISSO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Sirvam-se V. Ex.ªs colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens: Em Vila Real de Santo António: Centro Comercial de Combustíveis, Lda. Ernesto Duarte Gráfica do Sul José António Rilla Pilotos & Capa Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª Raul Folque & Filhos, Lda. Soliva-Sociedade de Litografia e Vazio, Lda. Soc. Acc. Angelo Parodi Eu B.ª V.ª Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, Lda.

O CENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE É transcrito do nosso prezado colega «Comércio do Porto» o artigo de J. Sousa Mendes sobre o Infante D. Henrique, que publicamos na primeira página.

Cine-Foz DOMINGO, a sensacional adaptação em cinematóscópio da célebre obra de Júlio Verne 20.000 léguas submarinas, com Kirk Douglas, James Mason, Paul Lukas e Peter Lorre. (Para maiores de 12 anos) TERÇA-FEIRA, O expresso do Oriente, com Silvana Pampanini, Henri Vidal, Eva Bartok e Curt Jurgens. (Para maiores de 17 anos) QUINTA-FEIRA, Clandestinas. (Para maiores de 17 anos).

NECROLOGIA João Martins Estêvão Em Lisboa, onde há tempo se encontrava doente, faleceu no dia 16 do nosso conterrâneo sr. João Martins Estêvão, casado com a sr.ª D. Maria Isabel da Silva Martins e pai dos srs. António, João, Vicente, Carlos, Dionísio, Francisco, Artur e José da Silva Estêvão. D. Maria das Dores Godinho Barão Com 79 anos, faleceu em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria das Dores Godinho Barão, natural de Mértola, viúva de André Barão, mãe das sr.ªs D. Maria Amália Godinho Barão Passos, D. Judite Godinho Barão Passos, D. Antónia das Dores Barão Godinho e D. Aurora Godinho Barão, e dos srs. Francisco, André e Manuel Godinho Barão, e sogra das sr.ªs D. Pulqueria Gomes Barão, D. Antónia Rodrigues Barão, D. Felicidade de Jesus Barão e dos srs. Francisco Nicolau Godinho, Joaquim Gomes Passos e António Alves Passos. D. Graciete da Conceição de Sousa CONCEIÇÃO DE TAVIRA — Na sua residência, no sítio de Valongo, desta freguesia, faleceu a sr.ª D. Graciete da Conceição de Sousa, de 88 anos, casada com o sr. José Graciano. A extinta, que deixa um filho de pouca idade, era filha da sr.ª D. Maria da Conceição e do sr. António Joaquim e irmã das sr.ªs D. Maria e D. Rosalina da Conceição e do sr. Manuel Joaquim dos Santos, funcionário da C. P. em Vila Real de Santo António. Os nossos pêsames às famílias enlutadas. Também faleceram: Em LAGOA — o sr. Manuel Rodrigues Rogado, casado com a sr.ª D. Maria Emilia de Sequeira Cardoso Rogado. Em LISBOA — a sr.ª D. Laurinda da Glória Assis, de 54 anos, viúva, natural de Silves, mãe do sr. Mário Assis Costa. — o sr. António do Carmo, de 45 anos, carpinteiro, natural de Lagos. — a sr.ª D. Francisca Josefa de Jesus Guerreiro, de 73 anos, natural de Búdens (Vila do Bispo), viúva, mãe da sr.ª D. Maria Josefa Guerreiro e dos srs. José Raul e Agostinho Sintra Guerreiro. — o sr. José António Beirão de

Os G. T. T. no Algarve Foi criado e aberto à exploração o posto telefónico público de Almagens (Alportel). Para encarregado do mesmo posto foi nomeado o sr. António Viegas da Silva. — Foram exonerados de encargos dos postos telefónicos públicos da Fuseta 2.º P. F. (Olhão), Vila Real de Santo António 2.º P. F. e Praia do Carvoeiro (Lagoa), respectivamente, os srs. Daniel Caetano, Raul Folques Flores e D. Teresa de Jesus Estorninho. Em sua substituição, foram nomeadas, respectivamente, as sr.ªs D. Maria das Chagas, D. Maria da Encarnação Salgueiro da Graça e D. Ana Maria Belbute. — Está aberto concurso para o provimento de lugares de operador do quadro de reserva da circunscrição de exploração do Algarve. — Foi exonerada, a seu pedido, a encarregada do posto de Ameixial (Loulé), sr.ª D. Maria Georgete Teixeira Pereira e nomeada, em sua substituição, a sr.ª D. Teresa do Espírito Santo. — Para encarregados dos postos de Rogil (Aljezur) e Vendas Novas da Tor (Querença-Loulé), foram nomeados, respectivamente, o sr. José Dias Mendes e a sr.ª D. Maria de Sousa. — A telefonista sr.ª D. Dulcelina Formosinho Angelino, da rede telefónica de Faro, foi transferida, a seu pedido, para a estação de Loulé. — Foi nomeado, a título provisório, como boletineiro, para prestar serviço na estação de Faro, o sr. António Peres Guerreiro. Bastos, de 47 anos, agricultor, natural de S. Brás de Alportel, casado com a sr.ª D. Maria Romana e pai do sr. Alvaro dos Reis Beirão. Em ALMADA — a sr.ª D. Maria dos Santos Gonçalves Tomás, de 89 anos, natural de Loulé, casada com o sr. António Joaquim Tomás e mãe do menino Rui Gonçalves Tomás. Em CASCAIS — o sr. António Joaquim Carrajola, de 71 anos, marítimo, natural de Alvor (Portimão), casado com a sr.ª D. Teresa de Jesus dos Reis, pai das sr.ªs D. Maria Joaquina e D. Otélinda e dos srs. Manuel António, José Joaquim e António Carrajola. O funeral realizou-se para o cemitério de Alvor.

À CONSTRUÇÃO CIVIL CHAPAS DE AGLOMERADO DE CORTIÇA PARA ISOLAMENTO DEFESA DAS HABITAÇÕES CONTRA O FRIO E O CALOR IDEIAS PARA VARANDAS E TERRAÇOS CANELAS & FIGUEIREDO, L.ª DA Telefones 25058, 24502 e 21729 — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA FÁBRICAS EM LAGOS

ELEMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A MÚSICA POPULAR

VI NO ALGARVE

TODO o nosso sistema folclórico — bailes, «Ti Anica» e corridinhos — obedece a movimentos que podem filiar-se no clássico polcaado.

A sua imagem desenhados, não será fora de uma plausível razão poder dizer-se que a polca anda bem enraizada na fibra algarvia, com todos os cambiantes de uma esfuziante alegria.

A polca, pois, como mola motora de todo o nosso dinamismo, tem uma história digna de figurar nestes modestíssimos subsídios.

«A polca, tão querida ainda hoje nos bailes campestres e, ainda não há muitos anos tão apreciada nos salões da alta roda, tem uma origem bastante curiosa.

«Um dia, na Áustria, uma cozinheira, muito aborrecida de estar sempre metida na cozinha, para se distrair, pôs-se a dançar e, à falta de música, começou cantarolando uma canção da sua terra natal, para lhe marcar o compasso.

«Surpreendida pelos patrões, é a serviçal intimada a seguir à sala, onde se encontrava o músico José Neruda. Ela executa a sua dança e, consoante o ritmo que lhe imprime, o artista copia-lhe a melodia da música e o compasso.

«Pouco tempo depois, ainda em 1880 — ano em que se diz haver-se-

dado o caso da cozinheira — a nova dança faz a sua solene aparição num baile de bons e ricos burgueses.

«Em 1885, estreia-se em Praga, capital da Boémia, e aqui recebe o nome de *polka*, pelo qual desde então ficou sendo conhecida. Nome que, em língua checa, quer dizer metade, por provir do compasso em que é dançada. Em 1889, a *polka* faz a sua aparição oficial em Viena e causa tão grande entusiasmo que muitos compositores empregaram o seu estro em fazer *polkas*. Contam-se, entre eles, Launer, Strauss e Francisco Hunar, que foi o primeiro que publicou música neste género. De então para cá, a *polka* invadiu todos os países, com geral agrado dos dançarinos de todas as classes e categorias.»

Assim, a polca, que é alegre, dinâmica e musicada no compasso binário, tem a sua irmandade com todo o folclore algarvio, por ele

rosas organizações artísticas, das cinquenta e uma, só tem vinte e nove. Lisboa, que possuía trinta e oito filarmónicas, já não tem nenhuma. Algumas empresas particulares é que suprem, em pequeníssima escala, a catástrofe do seu desaparecimento: Carris de Ferro e Ateneu Ferroviário.

Pela nossa «Casa», poderemos, nesta familiar tribuna, fazer a estimativa seguinte: Em Faro, foram criadas oito bandas civis; em Tavira, duas; Lagos, três; Silves, quatro; Portimão, três; Loulé, três; Vila Real de Santo António, duas; Castro Marim, uma; Moncarapacho, uma; Olhão, duas; Albufeira, uma; Lagoa, duas; Estômbar, duas; Boliqueime, uma; Alcantarilha, duas; Monchique, uma; Mexilhoeira da Carregação, uma; Alvor, duas; Paderne, uma; S. Brás de Alportel, uma.

Foi todo um somatório muito honroso com que o Algarve marcou a sua posição de simpatia e in-



O grupo da Casa do Povo de Alte (Loulé), um dos melhores conjuntos folclóricos do País

também ser de indole alegre e dinâmica e musicado no mesmo compasso binário.

Explanada, tanto quanto nos é possível fazê-lo, a faceta do nosso folclore — danças musicais — entram no sector das bandas civis.

Por todo o ridente Algarve pulularam, em anos já distantes, variadas sociedades com fins musicais. Eram, por todas essas localidades, os conservatórios do local e para o povo. E delas saíam, como bandeira desfraldada da época e da moda, as muito úteis e vibrantes filarmónicas populares.

Temos à mão, como reliquia evocativa, uma lista que nos dá ideia nítida do que foi o desenvolvimento filarmónico em toda a provincia. Criaram-se no País e Ilhas — segundo o registo que possuo — oitocentas e sete sociedades, com bandas e outros grupos musicais. Continente, setecentas e dezanove; Ilhas, oitenta e oito.

Para elas convergiam as maiores boas vontades do nosso povo: era o dinheiro, era o amor, era o sacrifício, era a aprendizagem da arte, era, a todos os títulos, a acrisolada dedicação à terra portuguesa na faceta da música civil que arremontava famílias, todos desejando servir melhor a sua dilecta Sociedade. Quantas terão desaparecido?! Não sabemos. No entanto, jogando com os elementos conhecidos, aqui ficam os registos a marcar a sua fúnebre posição.

O distrito de Aveiro, o mais dedicado à música, possuiu setenta e oito bandas; hoje, poderemos dizer que conta com sessenta e sete.

O distrito de Setúbal, o de melhor qualidade e quantidade de bandas na classificação de primo-

clinação pela arte dos sons; foi positivamente uma onda que galvanizou as alegrias e os entusiasmos dos algarvios!

Foram... e o passado!!... quarenta e três núcleos populares de música, criados pelo gosto e aplicação educativa do nosso povo empreendedor.

E destas quarenta e três escolas de ensino musical; e destes quarenta e três conservatórios de música, que resta, hoje, em actividade?

Apenas um número reduzido! E tão ínfimo ele é, como ínfimas são as organizações artísticas e associativas, que vivem a bem dizer de «balões de oxigénio».

Das existentes, conhecem-se em Loulé, duas; Albufeira, Silves, Tavira, Lagos, Olhão e Castro Marim, uma em cada localidade. E estas mesmas em transe de morte. O resto... tudo o vento levou!

Juntando-se a nossa redução de trinta e seis bandas já desaparecidas nas restantes provincias, é nossa opinião que deve andar à roda de cinquenta por cento a baixa de bandas civis em todo o País.

Neste agónico calvário do nosso meio musical popular, das quarenta e três bandas que existiram no nosso Algarve, apenas uma escassa meia dúzia delas «piam», por estas paragens algarvias, o seu «pio» frouxo, agoirento, mortal.

Poderá haver para elas o benefício e humanitário socorro de que precisam?

Pedro de Freitas

— BARD AHL —

Fábrica Mecânica de Cordoaria

CASA FUNDADA EM 1834

JACINTO NICOLA COVACICH

CABOS PARA NAVEGAÇÃO E PESCA EM

MANILA - SISAL - CAIRO

LINHO - ALGODÃO

MALHETAS-FIOS PARA REDES

FIO DE CEIFEIRA-ATADEIRA

Endereço Telegráfico: CORDOARIA

TELEFONE 023034

BARRREIRO

O ATUM NÃO FALHOU este ano na costa do Algarve

Conclusão da 1.ª página

atum, como o foram talvez as duas temporadas anteriores. Os tempos decorreram bons e as águas estiveram boas. Viram muito atum, mas apanharam pouco.

— E como se explica essa contradição?

— Diz a companhia que a armação tem sido mal lançada. Creio nela. São cento e quarenta homens que tal afirmam. E todos garantem que se a armação tem sido lançada como nos outros anos, a temporada teria sido excelente. Mostram-se pessimistas quanto à manutenção da arte.

— Repare que a temporada das armações de Tavira também foi muito fraca.

— Efectivamente. Confiadas a bons mandadores, só eles poderão explicar o motivo por que pescaram tão pouco. Não esqueça que só excepcionalmente essas armações obtêm bom rendimento no Direito. A sua função é pescar Revés e às vezes obtêm pescarias muito compensadoras.

— Em seu entender, é bom o pro-

cesso de lançamento das nossas armações?

— Acho que sim, mas não quero dizer que não se possa alterar o seu processo, com a finalidade de se obter um pouco mais de pesca. Podem, de facto, fazer-se alterações, mas isso é só da competência do mandador e de mais ninguém. Tudo o que digo é para mim um sonho, pois já perdi as esperanças de continuar a ser mandador.

— Que medidas lhe parece devam ser adoptadas para evitar os insucessos da pesca?

— A melhor medida, e essa depende da Natureza, é não faltarem as águas boas e que as armações sejam confiadas a mandadores experientes. O atum tem corrido com todos os tempos, mais ou menos, à costa do Algarve. E há maneira de se evitar o dispêndio de centenas de contos no lançamento de uma armação, o que é importante para uma temporada fraca.

— Parece-lhe que haverá qualquer processo novo a pôr em prática para capturar o atum na nossa costa?

— Creio que não. O nosso atum só pode ser capturado por meio de armações fixas, como nós adoptamos, e por mais nenhum; nem redes móveis, nem à linha. Na primeira oportunidade, dar-lhe-ei uma explicação pormenorizada acerca deste meu modo de ver.

— Haverá vantagem em chamar técnicos estrangeiros para melhorarem as nossas artes de atum?

— Não vejo nisso conveniência, porque os técnicos espanhóis, marroquinos ou italianos não sabem mais que os nossos mandadores. Digo isto por mim.

— Não lhe parece que se devia tentar o lançamento de novas armações?

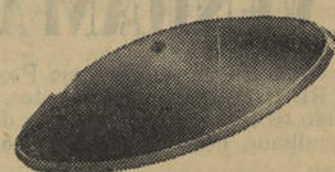
— Acho que sim. E para começar e a título de experiência, devia lançar-se a armação dos Cajados, em Sagres, que pescou sempre muito bem. E se acabou, foi por falta de mandadores bons e não porque escasseasse o atum. Mas a nossa inclinação agora é para arrastar bacalhau...

E são estas as declarações de um antigo mandador da nossa costa. Oxalá elas contribuam para esclarecer o problema que tanto aflige as actividades ligadas à pesca do atum no Sotavento!

Pense nos que são

MAIS POBRES

Depois de uma doença, sobram quase sempre alguns remédios (comprimidos, injeções, xaropes, etc.). Não os inutilize. Entregue-os ao hospital ou ao posto de socorros da sua terra. Eles ajudarão a aliviar os padecimentos dos mais pobres.



OS CLIENTES

informam que...

Os discos «PRESTA»

são dos melhores que têm usado nas grades e charruas.

Garantidos pela Fábrica
Em stock para todas as medidas e tipos.

Distribuidores:

AGÊNCIA COMERCIAL, L.ª

ÉVORA — Rua da República, 93 — Telefone 23363

LISBOA — Rua da Boa Vista, 76-1.ª — Telefone 34759

O PESCADOR

não pode ser um criminoso

Conclusão da 1.ª página

venção do diabo ou de algum dos seus lugares-tenentes a quem S. Pedro, símbolo dos pescadores, fez alguma pirraça de monta. E nós agora é que estamos a pagar o desgastado, através da inconsciência de uns pobres diabos que partem daquele princípio muito cómodo, muito errado e muito daninho de que tudo o que vem à rede é peixe. Efectivamente, é peixe, mas é peixe inconsumível, são detritos que vão estrumar os nabos, quando deviam alimentar os homens e fornecer recursos à economia do País. Então pode-se lá admitir que se carreguem para o guano milhões de pequeninas sardinhas que, aguardando-se a sua maturação, constituiriam uma riqueza, a começar no pescador e a acabar na sofredora mulher que as enlata. Pode-se lá admitir semelhante barbarismo! Só a inconsciência ou um acidente mais grave, que se chama fome, poderá levar o homem do mar, o que não tem costela de argelino pirata, a praticar um desatino como aquele que lemos no jornal portuense. Porque um pescador, aquele que ama o peixe, porque vê neste a sua razão de ser, não é capaz de cometer semelhante barbaridade. Se a pratica, não é um pescador — é, na mais tolerante hipótese, um ser humano, inconsciente do que anda a fazer neste mundo.

ADUBOS

SUPERFOSFATOS 15%, 18% e 42% em pó e granulados.

SULFATO DE AMÓNIO — do Amoníaco Português e de «COBELAZ».

NITROCALCIAMON «COBELAZ» — com 20,5% de azoto (metade nitríco e metade amoniacal) contendo cal.

SULFONITRATO DE AMÓNIO «COBELAZ» — com 26% de azoto (7% nitríco e 19% amoniacal).

NITRATO DE CAL — com 15,5% de azoto nitríco.

CIANAMIDA CÁLCICA — SULFATO DE POTÁSSIO E CLORETO DE POTÁSSIO ADUBOS QUÍMICOS MISTOS, em pó e granulados.

S A P E C

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL

Escritórios:

Rua Victor Cordon, 19. 1.ª-Lisboa

Telefones:

36 64 26 - 36 64 27 - 36 64 28 - 36 64 29

3 07 15 - 3 07 16 - 3 07 17

Telegr.: «Sappec» — Lisboa



Depósito em FARO

Largo do Camões, 10

Telef. 253

Pousaram as gralhas

Na semana passada, pousou-nos na seara um «impertinente» bando de gralhas. Só desfecharemos, embora sem esperança de afugentar tais aves, nas mais graúdas. Assim, transformaram-se as adegas cooperativas em corporativas e o nosso prezado amigo sr. coronel Sousa Rosal Júnior viu-se no posto de major, o que já para ele é história antiga.

Rogamos desculpa pelo acon-

tido.

Uma sugestão para o centenário do Infante D. Henrique

Conclusão da 1.ª página

nos foram expulsos de Espanha! Ora se depois das investigações e trabalhos de um Bensaúde, de um Pereira da Silva ou de um Fontoura da Costa e de editados, embora fragmentariamente, os textos fundamentais sobre esse período da História Portuguesa, o mal persiste e se perpetua, pareceu-nos que seria necessário descobrir a maneira de atalhar a «doença» com remédios mais violentos e eficientes ou de liquidar em nós o que para ela contribui. Porque, em verdade, os erros com que deparamos nem sempre podem ser tomados por conta de uma contumácia imprópria em qualquer cientista; pelo contrário, há-de muitas vezes nascer de causas que os justifiquem, e nós conhecemos algumas delas. Ninguém ignora, por exemplo, que, salvo um ou outro caso isolado, é raro encontrar-se um historiador interessado por este período que leia sem desconfiança vigilante o que sobre o assunto escreveram os seus colegas portugueses. Se a prevenção é, em muitos casos, afrontosa e injusta, temos de reconhecer que procede de alguns exageros cometidos. Pois não chegou Oliveira Martins a dar-nos um Infante D. Henrique embrenhado no estudo absorvente de um livro que seguramente só foi conhecido em Portugal depois da sua morte?

Por outro lado, tenha-se em conta que nem sempre os investigadores estrangeiros conhecem da nossa língua o suficiente para poderem ler e directamente julgar os testemunhos coevos dos acontecimentos, — e teremos apurado outra causa da «doença». Dir-se-á que as críticas, neste aspecto particular, cabem apenas aos que desprezaram, por inútil, o estudo do português. Mas se pensarmos que nunca se fez uma tentativa para a publicação completa e em bloco desses textos; que os planos isolados para a edição de alguns deles ficaram quase sempre por concluir; e que além disso, não possuímos ainda edições críticas e cuidadas dos que são mais importantes; teremos talvez compreendido como a nossa preguiça justifica, em parte, a preguiça alheia.

Um estudioso da História da Cartografia e da Náutica, falando-nos uma vez destas falhas e referindo-se à pobreza ou falta de notas explicativas em alguns dos textos então recentemente impressos, fazia correr com o polegar as páginas do luxuoso *Manuscrito de Valentim Fernandes*, para concluir, desolado: — Sem um prefácio e sem uma nota, — ficou árido como um deserto!

E, todavia, Cenal e Monod tinham retirado desse mesmo manuscrito o que interessava à descrição da Costa de África Ocidental Francesa, que fizeram publicar em português e francês, e ilustraram com observações esclarecedoras que podiam ter servido de modelo (1).

Não é raro também que o desejo de dar a público em data inadiável uma obra comemorativa obrigue o editor a trabalho urgente, feito sobre o joelho, com os consequentes perigos de cair facilmente em incorrecções. É o caso, para dar um exemplo, de uma *Arte de Navegar*, cuja edição foi preparada por quem tinha indiscutível competência para o fazer, mas que nem de tempo dispôs para ler o texto com reposada atenção, como mostra no prefácio, onde põe dúvidas a que o próprio autor responde.

Todos estes casos, e outros, vieram a essa conversa de mesa de café, no verão chuvoso de 1954. E foi sobre eles que, vibrantes de entusiasmo, ali visionámos o ambicio-

so projecto de se aproveitar como pretexto o centenário da morte do Infante D. Henrique (já que parece necessário um motivo forte para vencer inércias...) para se começar a pôr em prática o que nunca, até agora, foi possível realizar: uma edição bilingue (texto original e francês ou inglês), com estudos críticos e anotações não fantasistas, de tudo o que, depois da dilapidação dos séculos, nos ficou escrito e tem real interesse para a história da expansão portuguesa.

É de ver que não caberia a qualquer de nós — o Eduardo Lourenço interessado por outros problemas, e eu sem credenciais para tanto —, dar um contributo directo para a preparação ou para a execução de tal plano. Mas havíamos de falar e de escrever sobre ele com persistência teimosa, até que fosse aceite e defendido por quem tivesse forças para lhe dar realidade.

Separámo-nos e esquecemos este sonho construído numa tarde cinzenta, ambos absorvidos por outras preocupações decerto menos grandiosas, mas muito mais urgentes. E só agora, no sossego luminoso de uma pequena praia lusitana, o pro-

jecto esquecido ressurgiu, vivo e presente — a propósito da edição dos monumentos da cartografia portuguesa que Armando Cortesão prepara com apaixonado desvelo. Ainda valerá a pena falar do caso? Penso que sim, e só por isso escrevo estas linhas, que saldaram um compromisso.

Para os que não reduzem os descobrimentos à figura de D. Henrique, não será necessária a pressão doutro incentivo senão o de reconhecerem que tal projecto interessa à cultura portuguesa. Aos outros, lembremos que, posto de lado o plano de erguer em Sagres um monumento espectacular não há decerto homenagem mais perdurável do que a edição dos cartógrafos portugueses e a publicação, em língua acessível, do que escreveram navegadores, cientistas e homens da História.

E mesmo com este objectivo, ainda não é tarde para se começar.

(1) — Em 1951 o mesmo Monod, Teixeira da Mota e Mauny deram continuidade a este trabalho, em volume editado pelo «Centro da Guiné Portuguesa».

J. Sousa Mendes

PARCHAL NÃO QUER PERTENCER à freguesia de Ferragudo

Conclusão da 1.ª página

habitantes mais velhos da nossa vizinha freguesia de que se levantou a população do Parchal e impediu que o cadáver do industrial, sr. António Vieira, fosse sepultado no cemitério de Ferragudo, porque não queriam pertencer a tal freguesia.

Diz o autor da notícia que Ferragudo é freguesia mais importante que a freguesia de Estômbar. Nem todos podem ser ricos... E se assim é, para que ambiciona a aldeia do Parchal, indo ainda mais desvalorizar a freguesia de Estômbar?

Onde está essa superioridade de

S. MARCOS DA SERRA e os seus problemas

Passagem do Castelo — Iniciou-se tardiamente a construção desta passagem submersível originando, por isso, além de outros inconvenientes, a não conclusão dos respectivos trabalhos, falta que acarreta o corte de comunicações com a margem esquerda, com manifesto prejuízo do tráfego diário cujo movimento anda à roda de 500 pessoas.

Abastecimento de águas — É pena que não se tivesse iniciado mais cedo esta obra, cujos trabalhos, no entanto, prosseguem bem encaminhados sob a proficiente orientação do director dos Serviços Municipalizados, sr. João Veiguiña. Bom seria que, depois de concluída esta primeira fase, se comesçassem logo os trabalhos para a distribuição ao domicílio.

Sorte Grande — Pela extracção de 11 deste mês, mais uma vez foi distribuída nesta povoação a sorte grande, no total de 500 contos. — C.

Manuel da Silva Domingues
Agente das Tintas
«EXCELSIOR»
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Um Parchalense

LITERATURA

STEINBECK SORRI

NO seu último livro — «The Short Reign of Pappin IV» — John Steinbeck abandona a objectividade sisuda das «Vinhas da Ira» para sorrir numa história que poderia qualificar-se de novela de costumes. Ele próprio, talvez na intenção de a separar do resto da sua obra, dá-lhe a designação de «fabrication». É uma sátira. Uma efabulação cômica da restauração da monarquia na França. O rei, Pappin IV, é descendente de Carlos Magno e astrônomo-amador. E acontece que todos os partidos da República, incluindo o das esquerdas, apoiaram de bom grado a coroação do monarca. Resolveram assim a crise política da nação.

Quando a outras figuras, o rei tem uma filha escritora, tipo existencialista mundano, e um tio negociante de quadros, que lhe serve de conselheiro. Este chega a segredar ao sobrinho que não deve ter preocupações de mando, mas sim com o seu bem-estar. Mais aconselha: que entregue o rei a administração da Coroa a uma agência de publicidade americana.

Por sua vez, a escritora, princesa Clotilde, é arrastada para o cinema de Hollywood. E, no País dos dólares, arranja noivo, o filho de outro rei: o Rei das Galinhas da América. Como negociante que é, o rei americano, ao ouvir falar na nova monarquia, pensa em investir capitais nesse novo ramo...

Entretanto, é preciso arranjar um passatempo para Sua Majestade, e logo a empresa do Follies-Bergère, que foi convocada, promove um concurso de beleza, para que haja uma beldade escolhida...

O livro pode ser uma fabrication. Mas, seja o que for, é obra de um escritor que já é internacional.

MAUGHAM ACONSELHA

Em todos os tempos, incluindo o nosso, houve sempre um novo escritor que, nos primeiros passos da sua carreira, se dirigiu aos velhos pedindo conselho, com excepção daqueles jovens que já nasceram cheios de si...

A um daqueles, o grande Somerset Maugham aconselhou, após um exemplo:

«Flaubert jamais pôde consolar-se do pecado de não ter sabido evitar dois genitivos em «Madame Bonary». Hoje, vocês, jovens, são menos difíceis: escrevem para um público mais apressado e menos exigente. Todavia, um pequeno conselho não lhes fará perder muito tempo: deixem em descanso cada capítulo oitavo, pelo menos. Numa semana esquecemos tanta coisa! Então o autor torna-se leitor; recupera o espírito crítico que subsiste em cada um de nós, sempre que temos um livro nas mãos».

EÇA E ASSIS

Num ensaio do escritor brasileiro R. Magalhães Júnior sobre «Um tema comum na obra de Eça de Queirós e de Machado de Assis», o autor recorda um inquérito feito aos leitores da antiga revista «A Semanana», em 1893, destinado a estabelecer quais as seis melhores obras de ficção da língua portuguesa. Os votos foram caindo na urna. Não chegaram a tresentos. E o resultado foi o seguinte: 1.º, «Os Maias», 94 votos; 2.º, «O Primo Basílio», 81; 3.º, «Memórias Póstumas de Brás Cubas», 68; 4.º, «A Reliquia», 50; 5.º, «A Mão e a Luva», 49; e 6.º, «O Ateneu», 51. (sic).

Por outros reduzidos votos, viu-se o nosso Camilo relegado a uma quarta categoria. Se ele soubesse...

J. França

«O Algarve na poesia de Emiliano da Costa», pelo dr. Clementino de Brito Pinto

Faz bem o dr. Clementino de Brito Pinto em reunir em volume o estudo que sobre Emiliano da Costa publicou no nosso prezado colega «Folha de Domingo». É um trabalho que efectivamente merecia o aconhego em livro, que lhe garante mais fácil leitura e permite aos interessados relacionarem-se, sem grande dificuldade ou morosa pesquisa, com o poeta taurinense. Brito Pinto de cuja pena já saiu um trabalho sobre outro poeta algarvio — Cândido Guerreiro — está perfeitamente documentado sobre Emiliano da Costa. Deduz-se facilmente que assim é pelo estudo circunstanciado que nos faz do poeta. Analisa cuidadosamente a sua poesia, localiza-a e chama a nossa atenção para a linguagem de Emiliano da Costa em cujo vocabulário abunda o falar do povo algarvio. «Poeta do dia-a-dia — diz Brito Pinto — do quotidiano, do simples, do natural, do campesino, um pouco à maneira de Cesário, pintando com cores fortes as actividades, labores e caindeiras da gente rústica — e nisto foi-lhe proveitoso o exemplo de Fialho, Emiliano utiliza um vocabulário riquíssimo, cuja opulência nos faz lembrar Eugénio de Castro».

Prestou o autor do estudo serviço útil ao poeta, pelo contributo que nos fornece para o seu conhecimento e não menor serviço prestou às letras algarvias com o equilibrado ensaio que aquele lhe deu oportunidade de redigir, em desprenteciosa, mas boa linguagem portuguesa — daquela que já começa a esquecer.

«Alentejo e Alentejanos», por Paulso Gonçalves

Fausto Gonçalves reuniu em volume cinco trabalhos publicados no

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

O teu olhar desleal
Corações queima, por gosto;
Vou chamá-lo ao tribunal.
Por crime de fogo-posto...

AUGUSTO GIL

Amor à terra natal

«Sou apenas um paraibano que nunca se desligou da sua terra, que sempre trouxe na sensibilidade os fundamentos telúricos da sua várzea, que guarda nos sentimentos as belezas nativas. Serrei um provinciano, mesmo a milhares de quilómetros do meu recanto brasileiro. Por toda a parte, nas lonjuras da Finlândia, na maravilha ática da Grécia, no esplendor da Itália, na França, na Inglaterra, na Alemanha, no Oriente, vendo e observando as grandezas dos outros, passava-me pela mente a minha província, os meus pagos, as coisas pequenas dos engenhos, a música que brota do coração da nossa gente; e nunca tive vergonha do meu povo» — José Lins do Rego.

As moscas não gostam do azul

Está provado que as moscas não apreciam a cor azul, seja esta de que tom for: Detestam-na: fogueira dela. Assim, quando quisermos que, numa sala ou num quarto, esses desagradáveis insectos nos não importunem, pintemos as paredes a tinta de óleo ou a tempera azul. Se acaso, entrar por engano, desprevenida mosca, depressa desaparece pela janela, para não mais tornar. E, como há toda uma gama de interessantes tonalidades de azul, ficará fina e alegre a casa que assim tivermos pintado. E nós... livres de moscas ficaremos.

Gambém na cozinha se

pode ser artista

Migas de picado — Corta-se o pão às fatias, que se põem em leite e se cozem depois, em tacho tapado. Faz-se um picado de carne, mas sobre o húmido, aproveitando também o molho da carne. Untar com azeite um prato que possa ir ao forno e à mesa e forra-se com as fatias, deita-se depois o picado e o molho da carne e por fim o resto do pão. Rega-se com azeite e deitam-se pedacinhos de manteiga e, por último, um ovo inteiro batido. Vai ao forno a alourar e serve-se quentinho.

O doce nunca amargou

Massapões — Pesam-se 375 grs. de açúcar e 250 grs. de amendoas. Despojem-se estas da pele e pisem-se no almofariz. Depois, juntem-se-lhe duas claras de ovos e bata-se a mistura ao mesmo tempo que se lhe vai incorporando o açúcar a pouco e pouco. Quando a massa estiver na devida consistência, deita-se em bocadinhos sobre rodela de obreira e leva-se a forno brando a secar.

Conselho

Nunca a fortuna colocou um homem tão alto que não tivesse necessidade de um amigo. — Séneca.

As vantagens sociais e humanas

da cooperação

No 35.º dia Cooperativo Internacional, a Aliança Cooperativa Internacional, em nome das suas organizações filiadas e dos 120 milhões de cooperadores em 39 países, declara:

Que a prosperidade e o bem estar social podem ser conseguidos através dum extensão sem restrições da cooperação, tanto dentro dum nação como entre as nações;

Que as privações sofridas por milhões de homens, mulheres e crianças, mal alimentadas, com más habitações e deficientemente educadas, nos países subdesenvolvidos, podem ser aliviadas, pelas Nações Unidas, através do desenvolvimento da ajuda mútua, dentro da qual as nações podem dividir os seus recursos técnicos, científicos e materiais;

Que o futuro da humanidade pode ser assegurado e enriquecido, se os governos, em vez de promoverem uma política de ameaças mútuas, com armas de crescente terror e poder destrutivo, colaborarem pacificamente no emprego da energia nuclear para o bem estar humano.

É agora não ria!

O professor de química tinha fama de agarrado ao dinheiro. Naquela tarde, na aula, diz aos alunos:

— Vou meter esta moeda neste copo de ácido nítrico. A moeda dissolve-se-á, ou não?

— Não, senhor — responde logo um aluno.

— Muito bem. Como o sabia?

— É que, se a moeda se dissolve, o senhor professor não a deitaria af.

SENHORES LAVRADORES:

Aproxima-se a nova campanha cerealífera e, como sabeis, o êxito das vossas culturas começa por depender do emprego de sementes boas e sãs.

A escolha das variedades mais adequadas pertence-lhe, Sr. Lavrador, mas a defesa sanitária das sementes pertence ao

TRITISAN

Desinfectante especial a seco para combater a CÁRIE ou FUNGÃO do trigo

TRITISAN — NÃO É VENENOSO
TRITISAN — É 100% EFICIENTE
TRITISAN — É MUITO ECONÓMICO

Acaba de chegar uma remessa da Alemanha, estando o seu fornecimento assegurado

Exija sempre TRITISAN com a marca



À venda nos Grémios de Lavoura, agentes regionais e nos distribuidores em Portugal

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, L.DA
LISBOA, Rossio, 102 — PORTO — PAMPILHOSA

AOS PORTUGUESES QUE ESTÃO AUSENTES e VENHAM À METRÓPOLE

A CONFIDENTE, a maior Organização do País em Propriedades, tem na presente ocasião CENTENAS DE PRÉDIOS DE RENDIMENTO para vender, tudo no centro de Lisboa como nas Avenidas Novas e arredores, sendo os seus preços variáveis desde 200 a 15.000 contos, todos alugados e próprios para vários inquilinos, novos, isentos de contribuição durante 6 e 12 anos, rendendo alguns deles o juro de 9%.

A todos os compradores que comprem propriedades por n/ intermédio prestamos toda a assistência até ao final da transacção. Nada cobramos de comissão, pois essa é paga pelo vendedor, e ainda nos encarregamos do recebimento de rendas, gratuitamente, aluguer de prédios, pagamento de contribuições, depósitos nos Bancos, etc.

A CONFIDENTE é, sem receio de desmentido, a maior Organização do País, sendo afirmado pelas centenas de clientes que têm transaccionado com **A CONFIDENTE**.

A CONFIDENTE

FUNDADA HÁ 23 ANOS

LISBOA: — ROSSIO, 3-2.º
Telefs. 21591-50257-567765-567767

PORTO: — R. PASSOS MANUEL, 14-1.º
Telefs. 28721-27011-51309-51729